

DE QUEM É ESSE NINHO NA SALA DE LEITURA? CONTRIBUIÇÕES DE UMA ATIVIDADE INVESTIGATIVA A PARTIR DE UM NINHO DE SABIÁ BARRANCO

**Patrícia Volpe¹, Otávio Augusto de Oliveira², Joyce Fernandes de Araújo³,
Cyntia Regina Cacau⁴, Madalena Aparecida Dias⁵**

¹ SME - SP, pvolpe7369@gmail.com

² SME - SP, otaviobiologia@hotmail.com

³ SME - SP, joyce.feernades.araujo@gmail.com

⁴ SME - SP, cyntiacacau@gmail.com

⁵ SME - SP, mada4.6dias@gmail.com

INTRODUÇÃO

O cotidiano escolar é marcado por planejamentos detalhados, objetivos de aprendizagem, sequências didáticas e metas que orientam a prática docente. Contudo, também ocorrem situações inesperadas, capazes de alterar a rotina e abrir possibilidades de aprendizagem. Foi exatamente o que ocorreu quando um sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*) construiu seu ninho na janela da sala de leitura em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) da Zona Norte da cidade de São Paulo e foi percebido por estudantes e professores da unidade escolar.

A presença do ninho provocou a curiosidade e o interesse de professores e de estudantes da escola. Essa oportunidade permitiu integrar ciência, literatura, arte e reflexão ética e tornou possível o trabalho interdisciplinar, ao mesmo tempo que, a partir da intencionalidade do trabalho docente, pôde contribuir para a percepção do meio e desenvolver ações conscientes em relação ao ambiente. Trata-se de transformar um evento cotidiano e imprevisto em objeto de estudo significativo, possibilitando que o conhecimento escolar dialogue com a vida concreta dos estudantes.

Para Cunha (2019), o imprevisto não deve ser visto como falha, mas como dimensão constitutiva da docência, capaz de produzir aprendizagens profundas quando o professor assume uma postura reflexiva diante da situação inesperada. Da mesma forma, Ramos e Carvalho (2021) ressaltam que a contingência didática é inevitável, e que o educador precisa desenvolver a habilidade de lidar criativamente com o não planejado, ressignificando-o como oportunidade.

Nesse contexto, a teoria dos saberes docentes de Tardif (2002) e de Shulman (1986) ajuda a compreender que a prática educativa se sustenta em diferentes dimensões do conhecimento: o saber disciplinar, o saber curricular, o saber da experiência e o conhecimento pedagógico do conteúdo. O improviso pedagógico, longe de significar

desordem, exige que o professor articule esses saberes em tempo real, para transformar um evento fortuito em situação de aprendizagem.

Ao observarmos os elementos presentes no território escolar, dialogamos diretamente com as diferentes dimensões do saber, conjugando o conhecimento das disciplinas e a aplicação para o estudo da realidade. Nesse sentido, é possível discutir e suscitar interrogações relacionadas não somente sobre o ninho do sabiá-barranco, mas também sobre o hábitat da espécie, sobre a paisagem urbana e seus impactos ambientais.

Essas reflexões podem levar ao desenvolvimento da percepção ambiental e da construção de uma conscientização ambiental crítica, que relaciona os impactos ambientais aos processos históricos de transformação da paisagem, do espaço vivido e do modo de vida e consumo das sociedades nos ecossistemas naturais. Conforme discute Guimarães (2004), evidenciar os processos que ocorrem no espaço, como complexos e não pontuais, conduzem a reflexões fundamentais para prática de uma educação ambiental que promova ambientes educativos que mobilizem a necessidade de intervenção.

Dentro dessa perspectiva, resgata-se também o sentido de uma educação ambiental que desconstrua o discurso de modernização e que procure recuperar o sentido de algo comum a todos, como o meio em que vivemos (Sorrentino, 2002). Partindo desse pressuposto e amparada na lei 9.795/99, as ações desenvolvidas neste trabalho possibilitaram um diálogo interdisciplinar, em que todos os sujeitos tenham responsabilidades relacionadas ao ambiente em que vivem.

Por fim, em diálogo com o campo específico do ensino de Ciências, Pereira (2024) destaca a necessidade de práticas pedagógicas que considerem o contexto socioambiental dos estudantes, em especial nas escolas públicas municipais de São Paulo. Projetos como este contribuem para aproximar a ciência da vida cotidiana, fortalecendo o vínculo entre escola, território e ambiente. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo o relato de experiência de como a percepção do ninho de sabiá-barranco, somado a intencionalidade docente, se transformou em oportunidade pedagógica interdisciplinar dialogada à prática de educação ambiental, promovendo aprendizagens significativas para os estudantes do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental da qual trazemos esse relato, faz parte da rede de ensino da cidade de São Paulo e contempla estudantes dos anos iniciais e finais. A unidade escolar está localizada na zona norte da cidade e próxima ao Parque Estadual da Serra da Cantareira. Os estudantes em sua maioria residem em bairros adjacentes da

escola que compõem áreas de conservação ambiental (remanescentes de vegetação) e de áreas de adensamento populacional (construções de alto padrão e edificações irregulares), o que corresponde a um território com características socioeconômicas distintas. Por estar próxima a uma área de vegetação, frequentemente temos a presença de animais silvestres como saguis, saruês e aves em geral, o que possibilita a realização de diversas atividades de educação ambiental.

As atividades descritas nesse relato foram realizadas por três professores da disciplina de Ciências, sendo um professor responsável pela sala de leitura, uma professora regente de turma e uma professora módulo (sem aula atribuída, que atua na substituição das aulas e no suporte à regência), uma professora da disciplina de Geografia e uma professora da disciplina de Arte.

O referido relato de experiência se inicia a partir de uma observação feita por estudantes do 6º ano que estavam na sala de leitura e viram uma sombra diferente na janela. O questionamento e o alvoroço da turma fizeram com que o professor da sala, parasse aula e verificasse do que se tratava. Naquele momento, os estudantes e o professor descobriram que era um ninho em construção. O docente, então, decide compartilhar a notícia com os demais colegas da unidade escolar, em especial com os professores de Ciências, de Geografia e de Arte, que passaram a acompanhar a construção do ninho a partir de registros fotográficos respeitando a distância para não prejudicar a reprodução da espécie, até então desconhecida.

A notícia do ninho se espalhou rapidamente entre a comunidade escolar, de modo que os demais estudantes, ao entrarem na sala de leitura passaram a questionar o professor sobre o ninho que se formava na janela. Partindo dessa curiosidade, os docentes veem que a construção do ninho na janela apresentava grande potencial para a elaboração de atividades investigativas de observação e de discussão com os estudantes sobre o comportamento da espécie.

Os registros realizados pelos professores foram utilizados para criar um diário de bordo, contendo informações sobre o tempo, o horário do registro e o comportamento da espécie. As imagens eram compartilhadas diariamente com os estudantes nas aulas da sala dos professores envolvidos, e a partir disso, questionamentos foram trazidos por eles como:

Que espécie é essa? Como eles vivem? Do que eles se alimentam?

Por que tem três ovos e não cinco?

Por que o ovo não é branco?

Quanto tempo vai demorar para o filhote nascer?

Quem está cuidando dos ovos, o macho, a fêmea ou dois?

Todos esses questionamentos e os demais que surgiram durante as aulas foram essenciais para reestruturar o planejamento inicialmente pensado para as aulas e para a elaboração das atividades que viriam a ser desenvolvidas neste “novo” planejamento. Ademais, esses questionamentos serviram como motivador investigativo entre os estudantes que durou aproximadamente 30 dias, intervalo de tempo da postura dos ovos e da independência dos filhotes.

A possibilidade de os estudantes poderem acompanhar o desenvolvimento da família de sabiás a partir da sombra na janela de uma sala de aula promoveu o encantamento, o engajamento por parte dos estudantes de pesquisarem características da espécie e o senso de cuidado para com a ave, além de sensibilizar o sentido auditivo em relação ao canto dos pássaros.

Esse sentimento tomou conta da escola, desde o primeiro ano até o nono, uma vez que todas as turmas acompanharam o desenrolar das aulas de leitura e também a partir das falas das professoras de Ciências, Geografia e Arte que aproveitaram a situação para abordar o assunto em sala.

Como forma de acompanhar o comportamento das aves, os professores realizaram registros fotográficos e gravações diárias (respeitando o distanciamento) e com isso foi possível descobrir que se tratava de uma ave silvestre denominada sabiá-barranco (*Turdus leucomelas*) como visto na **figura 1**. Acompanhar diariamente as imagens das aves estimulou a curiosidade dos estudantes, levando-os a procurar os professores para saberem das novidades. O engajamento dos estudantes foi tanto que por vezes protagonizaram momentos de produção autoral sem que nenhum professor tenha solicitado.

Figura 1: Sequência de registros desde a construção do ninho no parapeito da janela da sala de leitura até a independência dos filhotes



Fonte: Registros pessoais dos professores

Entretanto também passamos por momentos de frustração quando um dos três ovos postados sumiu. Esse fato gerou temporariamente um sentimento de tristeza nos estudantes. Foi uma oportunidade de dialogarmos sobre como esses eventos ocorrem na natureza e como cada espécie lida com esses acontecimentos.

Também foi possível o levantamento de hipóteses sobre o que teria ocorrido com o ovo. As hipóteses levantadas pelos estudantes e discutidas em sala de aula durante as aulas de Geografia foram duas principais: algum predador teria levado o ovo ou a fêmea teria o tirado do ninho por algum problema no desenvolvimento do ovo. As discussões foram orientadas a partir das falas dos estudantes e, com base nos registros de observação, a hipótese de maior consenso foi a de que a fêmea teria tirado o ovo, já que não havia vestígios de partes do ovo e os outros dois ovos estavam intactos.

Ao final do mês, os estudantes puderam acompanhar todo o desenvolvimento dos dois filhotes, puderam ver a mãe alimentá-los, o pai ensinar a cantar o revezamento de ambos pela busca da comida e pela alimentação.

Discussões sobre o comportamento extrapolaram a espécie investigada, levando os estudantes a refletirem sobre o próprio comportamento. Quando viram que o sinal da escola deixava a fêmea agitada, um estudante questionou:

Prof, a gente não pode trocar o sinal? Porque a gente também fica ansioso e agitado quando o sinal toca. E tem os estudantes autistas, vamos pedir pra colocar outra música mais calma?

O questionamento levantado pelo estudante evidencia que a atividade investigativa transgrediu o objeto inicial de estudo, permitindo que ele estabelecesse relações entre o comportamento observado do pássaro e o próprio ambiente escolar. Além disso, sua fala expressa sensibilidade e empatia, tanto ao reconhecer que o som pode gerar ansiedade em todos quanto ao considerar as necessidades específicas de estudantes com transtornos do espectro autista. Assim, observa-se uma postura ativa e autônoma, em que o estudante se percebe como agente crítico e engajado, capaz de propor mudanças e melhorar o bem-estar coletivo.

A seguir, apresentaremos uma síntese das atividades desenvolvidas com os estudantes nas aulas dos professores envolvidos (**Figura 2**).

Figura 2. Quadro com as atividades desenvolvidas por componente curricular

Anos Iniciais do Ensino Fundamental	
Sala de Leitura	• Leitura compartilhada de histórias infantis e fábulas envolvendo pássaros (<i>O ninho vazio</i>, de Lúcia Hiratsuka, <i>A fábula do rouxinol</i>); • Conversa sobre o que o sabiá precisa para viver, relacionando com trechos da leitura; • Produção de desenhos e legendas do ninho e dos filhotes observados na janela.
Arte	• Concurso de ilustrações e origamis.
Anos Finais do Ensino Fundamental	
Sala de Leitura	• Elaboração de diário coletivo ilustrado (semanal), com frases e desenhos sobre as mudanças no ninho. • Comparação entre as histórias lidas e a “história real” dos sabiás observados na escola. • Leitura e análise de poemas e músicas brasileiras que tratam do sabiá (Gonçalves Dias, Carlos Drummond de Andrade, Luiz Gonzaga, Tom Jobim/Chico Buarque). • Discussão coletiva sobre a presença da ave na cultura e na literatura. • Produção de poemas coletivos ou individuais sobre o “sabiá da escola”.
Ciências e Geografia	• Estudo do comportamento da espécie (canto, período reprodutivo, hábitos alimentares); • Distribuição geográfica da espécie (uso da plataforma WikiAves); • Discussão sobre o uso e ocupação do solo na Mata Atlântica e Cerrado (uso da plataforma Map Biomas) • Estudo sobre o impacto da urbanização na adaptação da espécie.
Arte	• Concurso de ilustrações e origamis.

Fonte: Elaborado pelos autores

As atividades desenvolvidas pelas professoras de Ciências e Geografia foram direcionadas aos estudantes dos anos finais do ensino fundamental e ocorreram por meio da dupla regência. Foram discutidos hábitos alimentares, morfologia, comportamento, relação com a flora local e impactos no desenvolvimento da espécie a partir da urbanização.

A estruturação das atividades contemplou os questionamentos trazidos pelos próprios estudantes diante das observações feitas *in loco*, bem como trechos dos vídeos extraídos dos registros feitos na sala de leitura. Além disso, foram utilizados mapas e gráficos como apoio para a interpretação de dados relativos à espécie e ao hábitat, notícias e artigos científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das atividades descritas na **figura 2**, foram utilizados os seguintes instrumentos de registro que contemplaram o portfólio com as produções dos estudantes (desenhos, textos, legendas, poemas); registro fotográfico e audiovisual das atividades; diário de bordo do professor, anotando a participação e evolução das turmas e socialização final dos trabalhos na escola (exposição).

Figura 3. Quadro com algumas das atividades desenvolvidas pelos estudantes



Fonte: Registro pessoal dos professores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ninho do sabiá, em sua simplicidade, transformou-se em um acontecimento pedagógico de grande potencial formativo. Ao acolher o imprevisto e convertê-lo em projeto, o professor mobiliza saberes diversos, exerce a reflexão-na-ação e constrói aprendizagens que extrapolam os limites da prescrição curricular. Os estudantes, por sua vez, vivenciam uma experiência de conhecimento viva, afetiva e contextualizada, na qual a ciência dialoga com a arte, a literatura e a ética ambiental.

As atividades realizadas evidenciaram uma mudança na forma como os estudantes percebem o meio em que estão inseridos. Seus questionamentos sobre outras aves presentes no entorno, sobre a vida adulta dos sabiás que deixaram o ninho, bem como sua

indignação diante de notícias sobre a derrubada de árvores no bairro e em outras regiões da cidade. Essas ações revelam que temas emergentes do cotidiano apresentam grande relevância e precisam ser incorporados ao planejamento docente.

Este projeto, portanto, reafirma que a escola é um espaço vivo, permeado por surpresas que, quando acolhidas, se convertem em oportunidades formativas e investigativas. Reforça, ainda, a centralidade do professor como mediador capaz de transformar o acaso em conhecimento, a contingência em currículo e o imprevisto em aprendizagem significativa.

Nesse sentido, consideramos que esta sequência didática apresenta grande valor para a formação dos estudantes. Por fim, compreendemos que essa estratégia é pertinente não apenas para professores de Ciências, frequentemente vistos como responsáveis por abordar questões ambientais, mas também para docentes de outras áreas do conhecimento, para os quais o contexto e o cotidiano dos estudantes constituem potenciais catalisadores de aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.795. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, 1999.

BERNSTEIN, B. **A estruturação do discurso pedagógico: classes, códigos e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CUNHA, M. I. da. O imprevisto como dimensão formativa na docência universitária. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, e240011, 2019.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental Crítica**. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). Identidades da Educação Ambiental brasileira. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

PEREIRA, R. G. **Prescrições curriculares e formação docente para o ensino de ciências: possíveis implicações para a formação de estudantes do ensino fundamental da rede pública municipal 2º de São Paulo**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – USP.

RAMOS, M. L.; CARVALHO, D. Contingências didáticas e a formação docente: entre o planejamento e a imprevisibilidade. **Educação em Revista**, v. 37, e228947, 2021.

SHULMAN, L. Those who understand: Knowledge growth in teaching. **Educational Researcher**, v. 15, n. 2, p. 4–14, 1986.

SORRENTINO, M.; RISSIATO, C. G. **Educação ambiental e políticas públicas: conceitos, fundamentos e vivências** (org.). – 2. ed. – Curitiba : Appris, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.